

A ALFABETIZAÇÃO E SUA RELAÇÃO COM O USO DO COMPUTADOR: O SUPORTE DIGITAL COMO MAIS UM INSTRUMENTO DE ALFABETIZAÇÃO NA ESCOLA

Julianna Silva Glória/Universidade Federal de Minas Gerais

RESUMO: Este artigo divulga dados de tese de doutorado defendida no Programa de Pós-Graduação da FAE – UFMG (Faculdade de Educação – Universidade Federal de Minas Gerais), utilizando teorias advindas dos estudos sobre letramento e cultura escrita (Antonio Castillo Gomez, Brian Street, Magda Soares), da história da leitura e da escrita (Roger Chartier). Entre outros objetivos, buscamos compreender as interferências do suporte digital no processo de alfabetização de crianças de seis anos. Adotamos princípios da pesquisa qualitativa, acompanhando por um ano as atividades de uma turma de alunos realizadas no laboratório de informática de uma escola pública brasileira, em situações de alfabetização na tela. Na análise dos resultados apresentada neste texto, exploramos o potencial do computador como mais um instrumento de alfabetização utilizado pela escola, evidenciando o que ocorre no gesto gráfico do registro em tela e nos atos de copiar ou escrever o nome, demonstrando que ferramentas digitais trazem nova roupagem a estas tarefas.

PALAVRAS CHAVE: Letramentos. Cultura Escrita. Alfabetização. Suportes de escrita. Computador.

ABSTRACT: This text discloses results from a doctoral thesis defended at the Graduate Program of FAE - UFMG (Faculty of Education - Federal University of Minas Gerais). Using theories arising from studies on literacy and written culture (Antonio Castillo Gomez, Brian Street, Magda Soares), history of reading and writing (Roger Chartier). Among other objectives, we seek to understand the interference in the process of digital literacy for children of six years. We adopt the principles of qualitative research accompanying for a year the activities of a group of students performed in the computer lab of a Brazilian public school, in situations of literacy on the screen. In analyzing the results presented in this text, we explore the potential of the computer as another instrument of literacy used by the school, showing what happens the gesture graphic of the record on screen and in the acts of copying or writing the name, showing that digital tools bring new dress these tasks.

KEYWORDS: Literacies. Written Culture. Literacy. Writing support. Computer.

EMBASAMENTO TEÓRICO

Vários foram os instrumentos utilizados pela escola ao longo da história para incentivar as crianças a aprenderem a ler e a escrever textos (FRADE, 2005, p. 61). Conforme Isabel Frade (2005), esses suportes fazem parte das práticas sociais internas e externas à escola e, dentre essas práticas, podemos incluir, atualmente, o uso do computador como suporte de texto.

Apresentamos, neste artigo, uma reflexão sobre as implicações de se introduzir tal suporte na fase de alfabetização, supondo que a compreensão do computador como um suporte multimodal de texto – que oferece imagem, som, comunicação *on-line*, dentre outros – aguce a percepção das crianças sobre a escrita alfabética. Afinal, “Multimodalidade e Novos Estudos do Letramento, juntos reúnem, preenchem uma imagem maior com mais nuances de posicionamentos sociais e da comunicação através da construção de um igual reconhecimento das práticas, textos, contextos, espaço e tempo. (Tradução nossa)”¹ (STREET, 2009, p. 3).

Hoje, tão importante quanto conhecer o funcionamento do sistema de escrita é poder se engajar em práticas sociais letradas, respondendo aos inevitáveis apelos de uma cultura grafocêntrica. Assim, “letramento”, segundo Soares (2002, p. 65), “é o estado ou condição de quem não só sabe ler e escrever, mas exerce as práticas sociais de leitura e de escrita que circulam na sociedade em que vive”.

Enquanto a alfabetização se ocupa da aquisição da escrita por um indivíduo, ou grupo de indivíduos, o letramento focaliza os aspectos sócio-históricos da aquisição da escrita em uma sociedade.

No entanto, mais do que expor a oposição entre os conceitos de “alfabetização” e de “letramento”, é preciso valorizar o impacto qualitativo que este conjunto de práticas sociais representa para o sujeito, extrapolando a dimensão técnica e instrumental do puro domínio do sistema de escrita (SOARES, 2002).

Nesse sentido, alfabetização é o processo pelo qual se adquire o domínio de um código e das habilidades necessárias para ler e escrever, ou seja, é preciso o domínio de uma tecnologia – um conjunto de técnicas – para exercer a arte e a ciência da escrita. Ao exercício efetivo e competente da tecnologia da escrita em contexto de uso social denomina-se “letramento”, atividade que implica habilidades várias, tais como a capacidade de ler ou escrever para atingir diferentes objetivos, incluindo o ler e o escrever digitalmente.

Os dados a serem analisados por nós estão contidos na nossa tese de doutorado, defendida através do Programa de Pós-Graduação da FAE – UFMG. No referido trabalho, adotamos princípios da pesquisa qualitativa, com a proposição de acompanhar crianças de seis anos ao laboratório de informática de escola pública em Belo Horizonte, Minas Gerais, durante o ano de 2009, em várias situações de atividades de escritura e leitura na tela do computador. A pesquisa usou procedimentos de observação, anotação, filmagem e entrevistas.

Nosso objetivo, portanto, neste texto, será explorar um pouco mais o potencial do computador como instrumento de alfabetização, dentre tantos outros já utilizados e conhecidos pela escola. Além disso, pretendemos colocar em evidência o fato de que mesmo quando não trabalhamos atividades com gêneros textuais virtuais, repetindo práticas escolares semelhantes às que desenvolvemos com a escrita manuscrita, notamos que as ferramentas digitais transformam e dão uma nova roupagem à tarefa, ou melhor, aparecem novos aspectos cognitivos e físicos relacionados ao ato de escrever e ler. Com isso, os alunos, muitas vezes, voltavam sua atenção para estruturas da escrita ou para aspectos gráficos não percebidos quando operavam com outro formato e suporte de texto.

1 POR QUE TECLAR É DIFERENTE NA FASE DE ALFABETIZAÇÃO?

Analisaremos, neste tópico, uma ação própria do computador que traz implicações diretas para a experimentação da escrita por parte dos sujeitos de nossa investigação. Faremos nossa reflexão a partir de dados de entrevistas realizadas em aulas diferentes, nas quais os alunos experimentaram atividades distintas. O diálogo abaixo ocorreu após a aula de digitação do alfabeto.

Pesquisadora: Aluno TA, você gostou da aula de fazer o alfabeto?

Aluno TA: Gostei.

Pesquisadora: E qual a diferença entre fazer o alfabeto no caderno e no computador?

Aluno TA: É que no computador eu tenho que apertar a tecla e no caderno eu tenho que escrever; é legal!

Pesquisadora: O que é legal?

Aluno TA: Apertar a tecla e escrever.

Pesquisadora: Você acha que aprende com os dois?

Aluno TA: Eu acho que aprendo mais no computador.

Pesquisadora: Por quê?

Aluno TA: Porque no computador a gente aprende muita coisa e tem que estudar muito.

Pesquisadora: E você, GM, já tinha feito o alfabeto no computador?

Aluna GM: Não.

Pesquisadora: E o que você achou?

Aluna GM: Foi legal!

Pesquisadora: E você gosta de fazer o alfabeto no caderno?

Aluna GM: É legal também; só que no caderno a gente usa o lápis e no computador o teclado.

Pesquisadora: O que você achou do teclado?

Aluna GM: É mais difícil um pouco para mim porque faz AAAAAAAAAAAAAAA às vezes e eu levo um susto. [risada] Depois eu aprendi a apertar menos a tecla e aí levei menos susto. [risada]

O ato de teclar é muito diferente se comparado ao ato de escrever. Essa é uma ação que compõe a multimodalidade do texto digital. Quando se trata de crianças em período de alfabetização inicial, isso ganha um realce maior ainda, se levarmos em consideração que gestos motores são complexos nessa fase. Portanto, muitas vezes, teclar parece ser um gesto mais “tranquilo” de se realizar, mesmo quando, a princípio, a criança precisa se acostumar com a intensidade do toque, conforme comentário de GM.

Apertar uma tecla é muito mais suave do que fazer com o lápis gestos motores para efetuar o registro da letra, ou seja, ter de diminuir a intensidade do toque, sem dúvida, pode ser mais fácil ou menos doloroso do que aprender a fazer gestos motores que precisam de muitas voltas para que a letra se concretize na folha, embora o aprendizado da própria intensidade envolva habilidades motoras específicas que uma criança pequena ainda não domina.

O segundo trecho de entrevista, que complementa nossa análise, ocorreu após a aula em que os alunos coloriram a letra do próprio nome e digitaram o nome na tela do computador. Nele o aluno RO faz a seguinte declaração:

Pesquisadora: E o que você mais gostou de fazer: digitar ou desenhar?

Aluno RO: Digitar o texto.

Pesquisadora: Por quê?

Aluno RO: Porque não gosto de desenhar.

Pesquisadora: Nem no computador?

Aluno RO: No computador eu gosto mais.

Pesquisadora: Qual a diferença de colorir e desenhar na folha do caderno e no computador?

Aluno RO: É que no computador a minha mão não dói.

Escrever sem doer. Esse parece ser um dos benefícios que o suporte digital de texto traz para a criança nessa fase de alfabetização. Não estamos propondo, com isso, a abolição da escrita manuscrita nessa fase, assim como alerta Chartier (2002, p. 117) em relação à leitura: “O surgimento da escrita cibernética não significa o fim do livro ou do leitor”.

Queremos, na verdade, ressaltar a necessidade de a escola proporcionar aos alunos mais atividades de alfabetização no computador, porque esse uso concomitante pode ser interessante para o amadurecimento dos gestos motores da criança. Além disso, pode liberá-la para se concentrar nos aspectos construtivos de sua escrita, ao invés de se perder na ação cognitiva por ter que se incomodar com a dor na mão.

2 EXERCÍCIO DE CÓPIA DIGITAL – UMA FORMA DE CÓPIA INTELIGENTE

Muito já se discutiu no meio acadêmico sobre o uso de cópia na fase de alfabetização e, para alguns, essa seria uma atividade pouco significativa na escola, visto que os alunos realizam-na de forma mecânica, sem pensar na construção das sílabas, das palavras e do texto.

Entretanto, em 2008, Delia Lerner e Anne-Marie Chartier, ao serem indagadas pelo *Jornal Letra A* sobre o papel da cópia manuscrita, apresentam-na como uma atividade de aprendizagem em que o aluno poderá internalizar vários conhecimentos sobre a escrita e a construção do texto.

Em nossa pesquisa tivemos a oportunidade de acompanhar atividades de cópia que os alunos realizaram no computador através do software livre *Kolorpaint*. As atividades foram sugeridas pela professora da turma. A princípio, quando planejamos as aulas, tivemos receio de que essas atividades não fossem tão produtivas, mas aceitamos a proposta da professora Fⁱⁱ como forma de incentivá-la a participar da elaboração das tarefas relacionadas à pesquisa.

Ao observarmos, no laboratório de informática, a realização das práticas de uso da escrita digital com a turma, percebemos que as cópias de trechos de texto produzidas no computador foram muito construtivas e importantes para que as crianças pensassem a escrita de suas próprias palavras. Experimentá-las no computador valorizou ainda mais determinados aspectos que analisaremos, com o intuito de refletirmos sobre o quanto a cópia digital e suas especificidades, assim como a manuscrita, pode ser uma atividade significativa na fase de alfabetização.

A seguir, descreveremos e analisaremos trechos de transcrição de diálogo ocorrido durante a aula, no laboratório de informática, quando ocorreram cópias digitais:

[...]

Pesquisadora: Pessoal! Deixe-me falar uma coisa para vocês [eles prestam atenção]. Para separar uma palavra da outra é só apertar essa tecla grande [levanto um teclado e aponto a tecla para eles verem].

Aluno JUMⁱⁱⁱ: Ah, eu sei! É só apertar essa tecla então!

Pesquisadora: Muito bem!

[Vou passando de dupla em dupla para mostrar a tecla.]

Pesquisadora: RB já sabe, né?

Aluno RB: Eu já sei, a minha mãe me ensinou [esfrega as mãos satisfeito].

Pesquisadora: VI, você ensinou o AR a separar as palavras?

Aluna VI: Não, foi a tia [a professora] que ensinou a gente.

Aluno AR: Professora, a gente não sabe colocar o acento.

Aluna VI: A gente tá procurando e não acha.

Pesquisadora: É porque tem que fazer duas coisinhas: primeiro, você segura essa tecla com a setinha e vai lá na tecla do acento [AR vai fazendo]; depois, você solta [“solta”, digo ao AR] e tecla no E.

Aluna VI: Agora tá com acento. Legal! Deixa-me fazer de novo?

[VI repete o que AR fez.]

Pesquisadora: Segura a setinha; vai ao e; isso! Entendeu?

Aluno AR: Juliana, e como faz esse aqui? [AR mostra o til no papel.]

Pesquisadora: Aperta o N [AR tecla]; agora vai ao til [AR fala “aqui”; aponta onde está o til; AR vai para as teclas na setinha.]

Pesquisadora: Não, AR! Aqui não precisa. É só ir ao til [AR tecla]; agora vai no A. Isso!

Aluno PA: Professora, nós precisamos do ponto de exclamação; só que não dá certo.

Pesquisadora: Se vocês apertarem só na exclamação não dá certo mesmo; aperta na setinha; segura e tecla na exclamação. [PA faz o gesto] Isso! [ele consegue] Viu?

Aluno DO: Professora, onde eu parei lá; o GB escreveu tudo errado.

Pesquisadora: Vamos lá; primeiro deixe-me ver o que vocês escreveram: “FICAREI COM ELES” [Leio a frase da história.]

[Eu aponto na folha onde está o trecho do livro e digo: “você está aqui ó.”]

Aluno DO: Apaga pra mim; eu quero apagar.

Pesquisadora: Por quê?

Aluno DO: É que ele escreveu assim ó [gesto em direção à tela] e não vai caber.

Pesquisadora: É só ir pra linha de baixo; tecla aqui ó [aponto para o enter].

[O DO faz o gesto.]

Pesquisadora: Isso! Agora continua a escrever, ok?

[...]

Quando os alunos vivenciaram essa atividade, analisando sua produção do ponto de vista da conceituação que produzem sobre o sistema alfabético da escrita, descrita nos estudos de Emília Ferreiro e Ana Teberosky (1985) sobre a Psicogênese da Língua Escrita, constatamos que a maioria se encontrava no nível silábico-alfabético, alguns poucos alfabéticos e outros silábicos. Dos que participam do trecho transcrito acima, AR era silábico; os alunos JUM, PA e DO eram silábicos-alfabéticos; somente a aluna VI era alfabética.

Embora pesquisas de Molinari e Ferreiro (2007) tenham constatado que tanto a escrita em suporte manuscrito como em suporte digital pouco interferem na conceituação sobre o sistema de notação alfabético das crianças, constatamos outros aspectos quando distinguimos o suporte e verificamos outras conceituações, pois apesar de estarem em níveis de escrita diferentes, todos os

alunos citados no episódio relatado discutem outros elementos gráficos relacionados à escrita: JUM e RB confirmam ou aprendem aspectos relacionados à segmentação entre palavras, AR e VI preocupam-se com a acentuação e grafismo da palavra (no caso do uso do til), PA está atento à pontuação e DO manifesta suas representações sobre como ocorre a formatação do texto na página virtual.

Assim, independente do nível conceitual de escrita, todos pensaram aspectos importantes relacionados à escrita e, certamente, essa atividade de cópia contribuiu para desenvolver a escrita de cada um, aprimorando seus conhecimentos em relação à mesma. Tomemos a reflexão de Anne-Marie Chartier (2008, p. 3) para pensarmos a respeito do ato de cópia, na forma manuscrita:

Ao copiar um texto, o aluno, a uma só vez, adquire novos saberes (quando, por exemplo, copia um resumo de história ou de geografia); assimila as formas sintáticas e lexicais específicas da escrita (quando copia um texto literário, uma poesia); e internaliza a atenção à ortografia.

Mas o que o fato de fazer uma cópia digital acrescenta nesse aprendizado? A professora F e nós^{iv}, pesquisadores, observamos que, ao escrever no computador, os alunos se detiveram mais no acento e na pontuação, pelo próprio fato de alguns desses grafismos não serem digitados diretamente, exigindo atenção ao gesto necessário. Assim, pode-se dizer que ao aprender a registrar o acento ou a pontuação, que são aspectos gráficos, usando o teclado do computador, focalizaram mais a atenção nesses aspectos formais.

Segundo a professora F^v, foi a partir dessa aula de cópia digitalizada que os alunos começaram, inclusive, a despertar para o uso da letra maiúscula e minúscula, ou seja, um aspecto gráfico pode levar a uma questão formal ou conceitual da escrita. Assim, logo após a aula de cópia digitalizada, ao realizar atividades em sala de aula, os alunos passaram a se perguntar se deveriam usar letra maiúscula ou minúscula nos textos, em geral.

Isso fez com que a professora F abordasse tal tema de estudo; o que, de acordo com a mesma, foi muito mais construtivo, pois os alunos se mostraram interessados em aprender, visto que era uma questão de uso da escrita para a qual o computador chamou-lhes a atenção.

Ressaltamos aqui a natureza multimodal desse instrumento de alfabetização, o computador. Ao levar os alunos, no início do processo de alfabetização, a realizarem um procedimento diferente do que ocorre no texto manuscrito para registrar o acento, contribuímos para que eles observassem com maior focalização algumas marcas gráficas que caracterizam o texto escrito. No computador, anteciparam o acento à letra digitalizada e não o contrário, como acontece na escrita manuscrita; utilizaram outro tipo de gesto – teclar para fazer a pontuação, a letra maiúscula e minúscula, dentre outros. Assim, devemos estar atentos ao que ocorre quando uma criança copia para problematizarmos melhor o ato de cópia. Como alerta Delia Lerner (2008, p. 3):

Se reconhecermos que a cópia é somente uma das atividades que contribuem para a aquisição da escrita, se a incluirmos como recurso para resolver problemas de produção, se não esperarmos que o resultado seja cópia fiel do modelo e apreciarmos as diferenças como expressão da atividade intelectual das crianças no processo de reprodução, então podemos dar lugar à cópia no processo de alfabetização.

Da mesma forma que a autora avalia a cópia manuscrita, entendemos que a cópia digitalizada acrescenta outros elementos construtivos. A novidade está no fato de que esse tipo de atividade feita no computador exige da criança reflexão sobre todos os elementos de formalização do registro digital da escrita; isto é, enquanto na cópia manuscrita a criança precisa apenas reproduzir o acento, a pontuação, a letra, etc., na cópia digital, a mesma precisa saber, por exemplo, que para registrar a letra maiúscula deve apertar a tecla “*caps lock*” antes de teclar a letra.

Portanto, a criança é estimulada não só pelo registro em si da escrita (situação similar ocorre no texto manuscrito) como também por todo o procedimento necessário para que esse registro aconteça. Acreditamos que o acréscimo de novos fatores materiais na forma de registrar a escrita potencialize o computador como instrumento de alfabetização produtivo, causando interferências na escrita daqueles que se encontram em processo de aquisição da mesma.

3 CONTATO PESSOAL COM O COMPUTADOR ENQUANTO SUPORTE DE ESCRITA DIGITAL

Como apresentado, acompanhamos uma turma em fase de apropriação do sistema alfabético, que teve condição de usufruir, simultaneamente, esse processo de aquisição da escrita, e o contato com a cultura digital, através de aulas de produção e de leitura de textos, ministradas no laboratório de informática.

Para a maioria dos alunos, essas aulas no laboratório de informática da escola representaram o primeiro contato pessoal^{vi} com o manuseio de determinados instrumentos da cultura digital^{vii} e, mesmo para os que tinham o computador em casa e o utilizavam para jogos de entretenimento, essa foi a oportunidade de conhecer os programas através dos quais se pode comunicar por meio da escrita. Alguns alunos já demonstraram algum conhecimento da atividade, ao relatarem que já observaram os pais utilizando-se da internet para a comunicação via *e-mail* ou Orkut, o que classificamos como contato indireto com o texto que circula em meios digitais.

Sabemos que esses sujeitos de nossa pesquisa, de alguma forma (direta ou indiretamente), dentro e fora da escola, têm a oportunidade de conviver com diversos materiais escritos em variados suportes. Mesmo aqueles alunos cujos pais são menos escolarizados ou têm menos condições financeiras para comprar um livro, um computador ou até mesmo um jornal, quando vão ao comércio com familiares têm a chance de observar o uso do computador nas lojas ou nos bancos; têm acesso a jornais mais populares e a projetos de distribuição de literatura gratuita à população.

A seguir, apresentamos o trabalho realizado por um aluno, na aula em que todos tiveram que colorir a letra inicial do nome e digitar o próprio nome no espaço virtual. Os alunos receberam o desenho pronto da letra, acompanhado da ilustração de um animal com a inicial do nome da criança em maiúscula/minúscula e, abaixo do desenho desse animal, a escrita da palavra que o representava. Veja o trabalho feito pelo aluno TA:

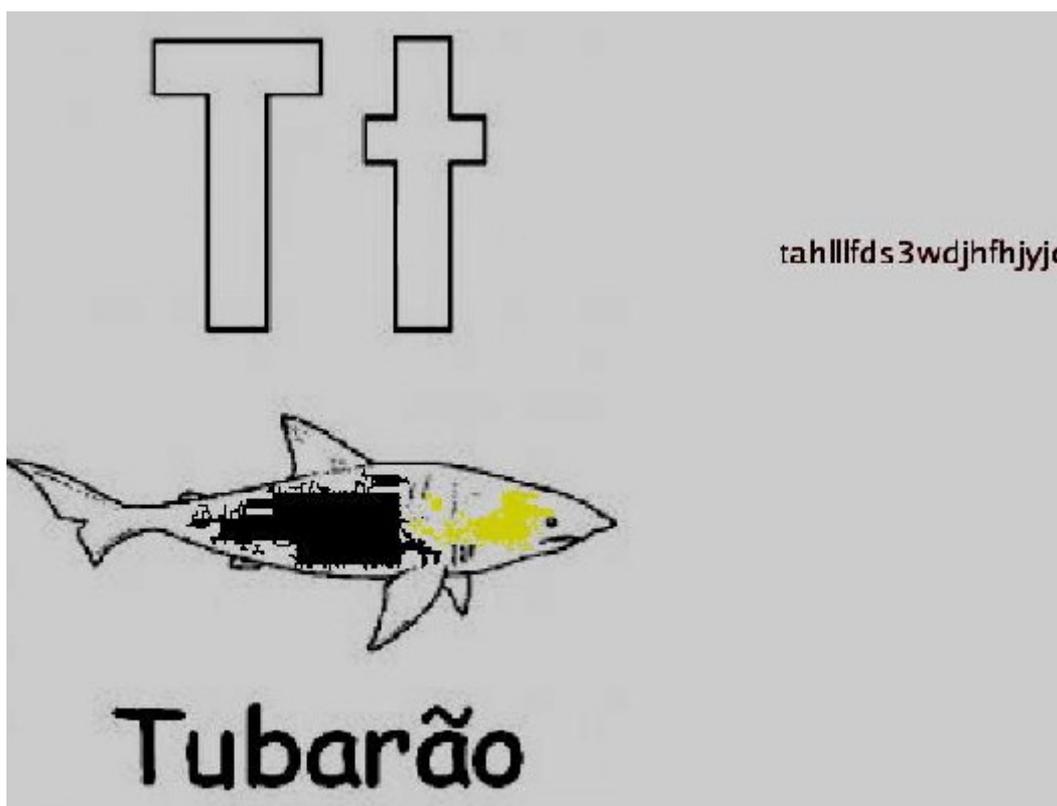


Figura 1: Atividade do aluno TA
Fonte: BLOG DA TURMA, 2009.

Como se pode perceber através do colorido feito pelo aluno citado, o mesmo ainda não tinha muito domínio das ferramentas para colorir. No dia em que fez essa atividade, tentou usar o baldinho^{viii}, mas não conseguiu; o programa estava dando erro. Chegamos a chamar a professora D^{ix} para ajudar a resolver o problema, mas não adiantou.

Observamos que, ao iniciar a atividade, o aluno foi diretamente nessa ferramenta por tê-la usado nas aulas anteriores e por saber que, para colorir com o baldinho, o procedimento era supostamente mais fácil: bastava clicar no baldinho, na cor desejada e no espaço a ser colorido que tudo ficava pronto instantaneamente. As outras ferramentas (*spray* e pincel), exigem mais do sujeito que ainda não tem muita habilidade, pois é preciso clicar e arrastar para colorir.

Os efeitos desse tipo de aprendizado são muitos; afinal, não é só usar uma ferramenta de um programa de computador. Através desse aprendizado, os alunos adquirem competência para lidar com outros modos de inscrição e registro da escrita no contexto da cultura digital, presentes em nossa sociedade.

Além de trabalharem colorindo a letra do próprio nome, usando as ferramentas do programa *Kolorpaint*, os alunos tiveram também que abrir a caixa de texto para digitar o próprio nome. Isso representou um novo desafio para essas crianças que estavam acostumadas a desenvolver, em sala de aula, até então, apenas a atividade de colorir e registrar o nome de forma manuscrita na folha de papel, através de ferramentas próprias desse tipo de suporte, tais como: lápis comum, lápis de cor e borracha.

Podemos observar, no trabalho final do aluno TA, que o mesmo, ao digitar o próprio nome, acrescentou letras e outros signos junto ao seu nome.

No caso do aluno TA^x, percebemos que o mesmo ainda não dava conta de registrar todas as letras do próprio nome e, ao indagarmos sobre o motivo de ter usado tantas letras e até o número três no próprio nome, ele nos disse que, no teclado, havia muitas letras e, por isso, resolveu colocar algumas em seu nome. A professora F, no instante em que conversávamos com TA, comentou que o mesmo não havia feito isso antes em sala de aula, isto é, misturar outros signos à letra do próprio nome. Com esse dado, podemos refletir melhor sobre o que representa um repertório pronto, ao alcance dos dedos, na escolha do recurso gráfico. Em outras palavras, isso surgiu a partir da experiência com o teclado do computador. Esse dado nos faz pensar na diferença que é representar a escrita na folha de papel, usando o lápis, e no computador, usando o teclado.

O fato de o computador exibir todas as letras, de deixá-las expostas juntamente com outros signos, ao mesmo tempo, pode servir de elemento de distração para a criança, ou mesmo de experimentação quando esta tenta registrar a própria escrita pela primeira vez, pois no teclado há signos de sistemas ideográficos (números e sinais) e alfabéticos. Pode ser que isso não ocorra quando a criança escreve no papel, quando os signos não estão todos representados na folha para que ela faça a escolha de qual irá usar.

Outra análise é em relação à característica multimodal do computador. Afinal, escrever o nome no caderno é diferente de escrevê-lo na tela, na medida em que, nesse último caso, a criança fica diante de um teclado repleto de caracteres e signos diferenciados. Assim, pode ser que ela não os conheça, mas tenha a curiosidade de conhecê-los e de usá-los.

No caderno, para registrar o próprio nome, o aluno TA utilizou-se da memória e dos conhecimentos sobre as letras que compõem o nome dele. Entendemos que o aluno fez exatamente isso; experimentou novos caracteres e signos acoplados a seu nome. O simples fato de estar diante do teclado, com tantas opções de sinais gráficos, pode ter provocado a estratégia de mudar, acrescentar e fazer sua escrita de forma diferente.

Nas práticas envolvidas na cultura escrita, visando compreender, de um ponto de vista histórico, os indícios dessas práticas, Gómez (2003, p. 111) assim as define:

As práticas [...] colocam a análise do nível da cultural no plano dos usos que lhe são dados, das habilidades de escrita e de leitura eficaz, e dos modos de colocá-lo em uso. Por um lado, fazem referência às evidências materiais que envolvem cada exercício de escritura e leitura; e, por outro, apontam as condições possíveis das mesmas acontecerem (Tradução nossa)^{xi}.

Portanto, ter a oportunidade de aprender a lidar com esse outro formato da escrita na fase de alfabetização, certamente, traz efeitos sociais e culturais muito significativos para essas crianças que estão em processo de incorporação das várias formas materiais e simbólicas de escrever e de ler textos em nossa sociedade, que se concretizam nos modos manuscritos, impressos e digitais.

CONCLUSÃO

Ao ponderar sobre investigações que levam em conta instrumentos e suportes para ler e escrever na escola, Frade (2009, p. 41) afirma que, do ponto de vista histórico:

Precisamos de novas pesquisas para investigar que lugar ocupam determinados suportes em cada nível de ensino, para qual tipo de atividade estes são empregados, se trata-se de material de uso particular ou largamente adotado em certos períodos ou se sua utilização é mais tardia por conta de aspectos materiais envolvidos.

Em relação aos dados analisados, percebemos que o uso do computador é benéfico no período de alfabetização, como mais um suporte para a criança ler e escrever na escola, dentre tantos materiais que compõem a cultura de escrita escolar. Dessa forma, a ausência do mesmo, numa alfabetização contemporânea, pode empobrecer as experiências vivenciadas pelas crianças, tendo em vista que seu uso já faz parte da cultura escrita.

Além disso, desenvolvendo atividades de produção e leitura de texto no espaço digital, a criança tem a oportunidade de aprimorar sua escrita dentro dos espaços virtuais, utilizando novos gêneros textuais, desenvolvendo novos letramentos (SOARES, 2002; STREET, 2009) e compreendendo a dimensão comunicacional, cultural e social da escrita.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CHARTIER, R. *Os Desafios da escrita*. Tradução de Fulvia M. L. Moretto. São Paulo: UNESP, 2002.

CHARTIER, Anne-Marie. Qual o papel da cópia na alfabetização? *Jornal Letra A*. Belo Horizonte, maio/jun., 2008, p. 3. (Caderno Troca de ideias).

FERREIRO, Emília e TEBEROSKY, Ana. *Psicogênese da língua escrita*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1985.

FRADE, Isabel Cristina Alves da Silva. Suportes, instrumentos e textos de alunos e professores em Minas Gerais: indicações sobre usos da cultura escrita nas escolas no final do século XIX e início do Século XX. *História da Educação*, Pelotas: v. 13, n. 29, 2009, p. 29-56, set./dez.

GÓMEZ, Antônio Castillo. Historia de la cultura escrita. Ideas para el debate. *Revista Brasileira de História da Educação*, São Paulo, n. 5, p. 93-124, jan./jul. 2003.

LERNER, Delia. Qual o papel da cópia na alfabetização? *Jornal Letra A*. Belo Horizonte, maio/jun., 2008, p. 3. (Caderno Troca de ideias).

MOLINARI, Maria Claudia; FERREIRO, Emília. Identidades y diferencias em las primeras etapas del proceso de alfabetización. Escrituras realizadas em papel y em computadora. *Lectura y vida*, v. 28, n. 4, 2007. p. 18-30.

SOARES, Magda Becker. Novas práticas de leitura e escrita; letramento na cibercultura. *Revista Educação e Sociedade*. Campinas, v. 23, n. 81, p. 143-160, dez. 2002.

STREET, Brian. 'Multimodality and New Literacy Studies' Festschrift for Gunther Kress, Inédito, 2009.

- i Multimodality and New Literacy Studies, brought together, fills out a larger more nuanced picture of social positionings and communication by building an equal recognition of practices, texts, contexts, space, and time. (STREET, 2009, p. 3).
- ii Tentando manter o anonimato dos envolvidos na pesquisa utilizamos a letra F no lugar do nome da professora da turma.
- iii Para preservar o anonimato deste e de todos os outros alunos citados na transcrição, utilizamos letras no lugar do nome de cada um deles.
- iv Nota de caderno de campo, logo após a observação da aula
- v Nota registrada em caderno de campo após conversa informal com a professora F.
- vi Denominamos contato pessoal ou direto com o computador aquela vivência em que a criança tem a oportunidade individual de manipular a máquina, seja para jogar, para desenhar, escrever ou ler textos.
- vii Não há como isolar a cultura digital vivenciada em um computador de outros contatos como celular, jogos, caixas de supermercados, dentre várias outras experiências, mas, nesse caso, estamos nos referindo ao uso da máquina e de alguns de seus programas.
- viii Baldinho é uma das ferramentas usadas no *Kolorpaint* para colorir.
- ix Professora coordenadora do laboratório de informática.
- x Questionamos o aluno TA enquanto fazia a atividade, ou seja, no instante da aula.
- xi Las prácticas [...] sitúan el análisis de la cultura en el plano de los usos dados a la misma, de las competencias efectivas del escribir y del leer, y de los modos de ponerlo en uso. Por un lado, aluden a las evidencias materiales de cada ejercicio de escritura y lectura; y por otro, señalan las condiciones en las que se hacen posibles (GÓMEZ 2003, p. 111).